

Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) Serra do Cipó/Minas Gerais Transcrição de entrevista		
Entrevistado: Lindomar João dos Santos	Data: 17/03/2011	Ocupação: Pedreiro e músico, integrante dos grupos de Candombe e Folia de Reis de Mato do Tição
Município: Jaboticatubas		Distrito: Mato do Tição
Equipe técnica Entrevista: Andréia Ribeiro Produção de vídeo: Ricardo S. G.		Duração: 36 minutos
		Mídia: Divx, arquivos em Mp4
Observação: as falas destacadas em itálico foram proferidas pela entrevistadora.		

- *Qual o seu nome?*
- Lindomar João dos Santos.
- *Idade, Lindomar?*
- 36 anos.
- *Endereço?*
- Rua Benjamin José de Siqueira, Mato do Tição.
- *Jaboticatubas?*
- Jaboticatubas.
- *Profissão?*
- Pedreiro e músico.
- *E... qual o seu envolvimento nas manifestações culturais em Mato do Tição e em Jaboticatubas?*
- Ah! A influência?
- *É, envolvimento, sua participação...?*
- Ah, eu participo de tudo que tem, eu tou dentro. Falou que é festa, que é do município, e que não seja do município também e que as outras pessoas que vem, também eu estou por aí..
- *Mas como é que você participa?*
- Eu, no que eu posso ajudar, com voz ou cantando. Porque na maioria das vezes as manifestações culturais que tem aqui, na cidade em si ou então aqui em Mato do Tição mesmo,...aí sempre vem uma Guarda de Moçambique, ou vem uma Folia de Reis, ou vem

uma Guarda de Congada...aí sempre a gente tá ajudando, porque nós somos de raízes candombeiro, congadeiro também...

- *Aí, então você é membro do Candombe.?*

- Do Candombe, da Folia, de todas as manifestações, daqui da comunidade eu faço parte de tudo. Aí sou o resposta hoje de uma folia de reis daqui da comunidade...

- Que tem o baixo, né? Que é o Mestre da Folia, aí eu sou. Sempre tem o mestre e o contra-mestre, né? Então tem o capitão do Candombe e o vice-capitão. Então tudo, aí, por exemplo, eu estou na resposta do Candombe, né? Quer dizer, meu irmão que é vice-capitão... um irmão mais velho é capitão, o mais novo é vice-capitão e eu entro na resposta do Candombe. Porque a minha voz tem que adequar de acordo com que o grupo precisa, entendeu?

- *E no Reinado?*

- Eu sou o resposta do Reinado. No Reinado eu faço três vozes, na verdade. Eu faço a segunda voz, primeira e segunda, e faço a quarta voz também.

- *Então seu envolvimento é de fato participação efetiva nos grupos existentes aqui?*

- É, exatamente.

- *Aí tem como... você cita pra mim esses grupos?*

- É o grupo de Candombe; o grupo de Folia de Reis; o Reinado de Nossa Senhora do Rosário. E...ajudo também em outras cantorias também, que têm da Capina e da Enxada - da Festa da Capina - que hoje não existe mais.

- *E encomendação das almas?*

- Não, não participo.

- *E além desses grupos, você também participa evidentemente das celebrações religiosas, que geralmente esses grupos estão inseridos?*

- Todos! Aí...tanto aqui dentro da comunidade, quanto no município onde tem.

- *Aí tem como você citar essas manifestações?*

- Olha, tem a festa principalmente, a Festa de Nossa Senhora do Rosário. A Festa de São Benedito, que hoje é lá na cidade, que é no centro da cidade. A Festa de Nossa Senhora Santana também, que é numa comunidade vizinha aí também, sempre eu vou. A Comunidade do Açude, que eu posso ir também; e tem Comunidade do... Pouco tempo mesmo eu fui até numa comunidade que é no município também, que chama Cardoso, aí eles tava lá na roda de batuque, aí eu peguei uma viola com eles lá, toquei junto com eles, cantei. Então sempre quando eu vou, que eu vejo que **me cabe** e eles me aceitam, entro.

- *E daqui de Mato do Tição?*

- Daqui, do Mato do Tição, é a Festa de Nossa Senhora Santana que é feita aqui. Dia 02 de maio que é a Festa de Santa Cruz. Dia 23 de junho, que é a Festa de São João; e...na, e nas quinta-feira, nas sexta-feira, que é o encerramento do primeiro final de semana de setembro, que faz o levantamento de bandeira de Nossa Senhora do Rosário, que é lá na cidade, que é feito na capelinha Nossa Senhora do Rosário, que foi construída pelos escravos. Então, é uma festa que meu tio, como, que hoje é capitão dela, se...interessa muito de ir levar até lá, ir pra lá pra porta da igreja do Rosário, que diz que desde que ele era menino - o ex-capitão antigo que tinha a igreja - que era dos negro que podia freqüentar a igreja do Rosário. Então é lá que é a festa religiosa de Nossa Senhora do Rosário é feita. Aí nós saímos daqui no primeiro final de semana, na sexta-feira, fazemos o hasteamento da bandeira, e no sábado fazemos o hasteamento da bandeira junto com o Candombe, e no sábado saímos cedo, vão pra cidade pra fazer o cortejo na praça todinha pra mostrar pro pessoal o cortejo, e vamos até a igreja do Rosário para celebrar a Santa Missa.

- *Na praça? A praça central ou a Praça do Rosário?*

- A Praça do Rosário. E o coral também, né? Que eu participei durante muitos anos. Aí hoje não estou participando mais, que é um coral de Missa Conga daqui. Que canta em todas as festas de Nossa Senhora do Rosário, esse coral tá lá...

- *Mas esse coral que você falou, ele é daqui do Mato do Tição?*

- Daqui do Mato do Tição.

- *Ou é aquele coral Lira de Santana?*

- Não, o coral é daqui da comunidade do Mato do Tição.

- *Qual é o nome dele?*

- Na verdade, nem colocaram nome, só colocam “Coral Mato do Tição”, entendeu? Para todos que pedem a gente coloca “Coral do Mato do Tição”.

- *E ele é atuante?*

- Ele é atuante, sempre. Nas missas que têm na capela que é todo uma vez por mês, aí todos lá, toda a missa eles cantam, entendeu? Treinam aqui mesmo...

- *E quais os tipos de música que eles cantam?*

- Missa conga...

- *Missa conga.*

- Isso.

- *Ok. Você, você falou de várias manifestações e grupos religiosos ou não. Tem como você precisar pra gente desde quando eles existem, ou pegar um como exemplo?*

- Olha, eu vou pegar, por exemplo, a comunidade daqui então. Porque é a comunidade que eu... hoje eu vejo que o maior número de pessoas idosas estão aqui dentro dessa comunidade, que eu conheço. Dentro do município quase todo, aqui é o lugar que predomina o maior número de idosos. E eles já nasceram com essa cultura, ensinaram e estão repassando ela pra gente. Então não tem como eu falar pra você quando que começou, porque isso vem do meu bisavô, tataravô, que está vindo essa cultura.

- *Qual é o público dessas manifestações que você mencionou*

- É...como assim, o número de integrantes ou o público?

- *Pra quem que é feito?*

- Pra quem que é feito?

- É.

- Na verdade, é feito pra toda a comunidade em si toda, entendeu? Para os visitantes que vêm conhecer também a festa, os juízes que são convidados por exemplo, todas as festas que é voltada para o sincretismo religioso sempre têm um leilão, aí as pessoas de outras comunidades que a gente convida pra tá vindo na comunidade pra poder a gente arrecadar via, é... verba, né, pra poder manter, por exemplo, a igreja pra, melhorar a estrutura física, entendeu? Então...o público, assim, tem de vários, vamos colocar como se diz, né, é... várias etapas, né, tanto pode ser com cinquenta, vinte, com mil, com dois mil, pra nós é a mesma coisa se fosse dois ou três.

- *E quem que são esses juízes?*

- Os juízes são esses convidados.

- *Ah tá, são os convidados...*

- São os convidados, e a gente chama de juízes.

- *Ah... tá, então qualquer convidado que venha para a celebração?*

- Que foi convidado pela comunidade, ele é o juiz do dia, por exemplo, igual aqui mesmo, a gente convida a comunidade mais próxima, hoje, vão colocar, ah, a comunidade lá de Bamburral aí eles que são os juízes. A gente chama... eles são responsáveis pelo dia da festa.

- *Responsável como assim? Não entendi?...*

- Não, responsável na parte de trazer a arrecadação pra igreja.

- *No caso pode ser: dinheiro...?*

- Donativo, dinheiro, tudo isso, prendas pra leilão...

- *Ah tá...*

- É por isso que chamam de juízes.

- *Ah tá, então não é só dinheiro em espécie...*

- Alimento, tudo o que precisa.

- Ok..

- Aí porque na maioria das vezes eles têm que fazer almoço, por exemplo, no mês de Maio mesmo, rezam os trinta e um dias do mês de Maio, aí no último final de semana de Maio, é a Festa de Nossa Senhora de Santana. Aí tem que fazer almoço pra servir pra todos os convidados. Aí, né, durante o mês de Maio, os juízes ficam responsáveis em trazer alimentos, gêneros alimentícios, de higiene e tudo para poder tá ajudando na festa.

- *E qual a importância que você percebe, assim, dessas manifestações pros moradores da cidade e também pro Mato do Tição?*

- Eu assim, pra dizer procê, pra comunidade em si, eu não vou dizer, porque na cidade, até então, a gente era muito discriminado. Então, a gente até não gostava de fazer festa na cidade. Os mais velhos não gostavam de fazer festa lá na cidade.

- *Até então, quando?*

- Ah, isso eu vivenciei uma parte, que eu conheci meu tio falando que não subiria a tal da escada, né? A escada grande, que seria a escada da prefeitura, né, no caso do posto de saúde, do poder público. Eles tinham medo de enfrentar o poder público, entendeu? Então, aí eles faziam as festas aqui. E pra comunidade aqui, pra nós, é de grande importância porque é o seguinte: até então se eu, eu acho se nós tivéssemos, por exemplo, se naquela época tivesse uma reeducação também, tanto do poder público tá em cima ajudando, a trabalhar, isso ficaria mais fácil hoje. Igual, por exemplo, eu vejo comunidades que já se perderam suas cultura. E aqui nós, ainda com muita dificuldade ainda, mas graças à Deus, nós tão conseguindo, os meninos que já nasce, nós já tão conseguindo manter eles nos rituais daqui da comunidade. Então, eu acho que a **importância** aqui pra nós das manifestações culturais, eu acho que isso pra manter os meninos longe dos perigos das drogas, entendeu? Dessas coisas ruim. Então eu acho que, pra mim é por isso...**uma**, sou atuante, porque tenho muita fé, entendeu? E às vezes eu esqueço que somos católicos e umbandistas, mas às vezes eu deixo de pedir a Deus. Primeiro eu peço à Nossa Senhora pra interceder, entendeu? Então sempre tem isso. Na maioria das vezes você vai escutar na boca do pessoal daqui – “- oh minha Nossa Senhora” – porque a gente já tem esse hábito de todas as festas de Nossa Senhora interceder pra gente, entendeu?

- *Mas aí você falou que não se ia muito lá na sede ou na cidade...*

- Não, não era muito aceito. A comunidade era muito discriminada, entendeu?

- *De forma geral?*

- Geral, porque eram negros, entendeu? Então o pessoal em si, em geral, na cidade, não aceitava Mato do Tição, entendeu? Como... vamos colocar como ser humano. Entendeu? Pra muitos, nós prestava mesmo era só pra serviços de roça, essas coisas braçais pra fazendeiro, entendeu? Mas, como ser humano digno de uma cultura que é a nossa origem, se fosse por causa dele nós já tinha perdido já a nossa identidade.

- *E hoje você percebe que esse preconceito diminuiu? Ou ele acabou?*

- Não vou dizer que acabou, né? Mas que diminuiu, graças à Deus. Depois de, eu mesmo, nesses anos aí todos que eu participo, eu assim, eu vi que diminuiu, assim, de 100 vamos colocar 70%, entendeu? Porque hoje nós somos aceitos pra poder tá indo em outros povos que nem aceitavam nós. Às vezes uma pessoa tá com uma doença qualquer assim e fala: “- eu tenho que fazer uma promessa pra esse santo porque para fulano de tal deu certo, então tem que fazer uma promessa, vão chamar aquele povo pra fazer pra nós.” Porque sabe que nós somos um pessoal firme na fé mesmo, entendeu? A gente tem uma firmeza muito grande.

- *Aí você falou que diminuiu...70%...*

- Diminuiu.

- *E..., o quê que você acha que contribuiu pra diminuição desse preconceito?*

- Eu acho que foram as informações, eu acho que assim, esses grupos de estudo que hoje ..., as universidades, tudo vem criando, trabalhando essa questão, entendeu? Uma política assim, levando conhecimento dessa política pública também, entendeu? Acho que fortaleceu muito, pra que esse preconceito, né, chegasse nesse patamar em que ele se encontra.

- *E esse movimento maior do pessoal de outros espaços na cidade, passou a acontecer mais, tem temporalidade aí? Década de 1980, 1990, agora...?*

- É, na década de..., nós, na verdade nós fala assim, pra falar como Mato do Tição, passou a se existir mesmo foi de 85, 84 pra cá. Que aí era a comunidade do Mato do Tição, que foi a comunidade que ia com peito aberto pra da cidade. Porque nós fomos ter acesso à energia elétrica foi em 86.

- Então, aí que nós e o...o... senhor prefeito, que teve na época, que teve essa vontade de vim trabalhar esse lado cultural do município, entendeu, que é o Coronel Valério Dias Lajes. Então, ele foi um excelente prefeito pra essa parte cultural do município, ele foi...eu nem sei, em tudo! Ele foi um prefeito que chegou e mostrou que Jaboticatubas existe, entendeu? Teve peito pra fazer isso. Então, ele tinha outra visão de política, então trouxe esse sentimento que as coisas foram mudando, que aí todos os seminários que ele ia fazer na prefeitura, ele convidava o Mato do Tição, não só a comunidade do Mato do Tição, mas as comunidades vizinhas do município todinho...Participavam com ele, era um povo participativo, entendeu?

Ele fazia, inclusive eu até tava falando com os meninos, que tinha que voltar isso, a gente fazer esse trâmite em toda Jaboticatubas...os líderes, das comunidades, tá discutindo, sabendo o que vai acontecer. Então ele foi um do que trouxe para que aquele preconceito em cima de nós acabasse um pouco, entendeu?

- Tá. *Eu perguntei pra você qual a importância para os moradores da cidade dessas manifestações, que importância tem? Aí você entrou no preconceito, e não me respondeu: qual a importância?*

- A importância...vamos voltar de novo, vão (risos). Não, fala de novo...

- Ah, a pergunta?

- Isso...

- *Qual a importância dessas manifestações pros moradores da cidade? Se você vê alguma importância, se você acha que não tem, se você acha que tem...*

- Olha, eu acho que tem esse lado da religiosidade mesmo, eu acho que é um lado de importância maior que nós temos para oferecer pra eles. Porque eles precisam. Porque às vezes da espiritualidade também...Porque até então, vinham pessoas que aqui era muito de pouco recurso de médicos, essas coisas de saúde pública, então vinha vários curandeiros. Então, daí já saía e já – “ó, Mato do Tição tem isso, Mato do Tição tem aquilo” - então, foi esse lado entendeu?

- Tá. *E como que você percebe que esses bens, essas festas, esses grupos de Reinado, de Folia de Reis, o próprio Candombe, como você acha que isso se mantém, ao longo dos anos? Seu bisavô participou, sua avó, e hoje você está participando, né? Então tem uma temporalidade aí...*

- Aí que já é...

- Já é uma questão assim que, eu mesmo fico até com medo. Porque...de algum dia, por exemplo, igual aqui na minha comunidade mesmo que tem, algumas coisas que já tão se perdendo, que já tão se acabando. Eu fico muito preocupado com isso, porque eu vivenciei isso tudo, eu gostaria que meu filho vivenciasse. Pra frente eu não sei o que vai acontecer, porque do jeito que tou vendo as dificuldades que tão tendo demais da conta em cima dos grupos tradicionais. Porque... recurso, por exemplo, se você não tem uma sociedade organizada, porque nem todos sabem que tem que ter uma associação...Nem todos no município, nós temos, o número de analfabetismo aqui é muito grande, então nós somos ignorantes, entendeu? Então agora a gente começa a levar as políticas públicas aí, então eu acho se não tiver uma coisa mais freqüente pra tá educando as pessoas, projetos sociais, voltados pra essa questão também, pra valorização da sua cultura local, que seja, entendeu Eu

acho que, daqui uns anos, infelizmente vai se acabar. Porque eu tive um grupo, que acabou, o grupo, um grupo de Nossa Senhora do Rosário, de Pinhões, por causa do mestre que faleceu, o grupo se perdeu. Aqui, o mestre de batuque que morreu, o batuque acabou. Lá no Cardoso, que chama Capão do Beto, Xingu e Cardoso, que é uma única comunidade, misturada, acabou. Então, toda vez o relato deles com a gente é só esse: fulano de tal morreu, acabou isso aqui. Aqui também nós tínhamos o batuque. Mas quem tirava o batuque pra nós aqui, era o Anistino, como os outros convidados que vinham do São Sebastião do Campinho, aí era a velha lá de baixo, os batuqueiros velho que vinha, freqüentavam aqui. Depois que eles morreu, não tinha mais quem tocava viola batuqueira. Então, eu mais o meu irmão, Evandro, nós sentamos um dia e falei: “ah, você tem o dom; Deus parece que deu seu dom de pegar com facilidade essas...esses rituais mais antigos, as afinações, tudo o que você precisa pra você manter essa cultura. Então, o quê que ele fez: ele tira, às vezes ele deixa de gozar com a família dele no final de semana, mas pra visitar o mestre, que ele sabe que tá velho, que já não consegue mais, pra poder aprender com ele. Então ele foi consagrado, esse ano passado, porque a avaliação é entre os mestre de folia, de Reis, tem dois anos que foi consagrado como mestre de Folia de Reis, o baixo mais jovem dentro do município de Jaboticatubas. Então ele, inclusive, ele teve que substituir várias folias, porque a folia sai no dia 25 [dezembro] e o compromisso de entrega é no dia 6 [janeiro]. Mas como que é as dificuldades: igual nós aqui mesmo, nós não consegue manter isso mais, sair no dia 25 e voltar no dia 6. A gente só roda no final de semana, porque todo mundo precisa trabalhar pra sustentar a família e tudo. Então, mas tem uma folia, que chama Folia de Casa de Telha, a Folia de Salim, eles não, eles andam os treze dias direito. Aí tem um senhor que é o baixo da folia, que a gente chama de mestre, a gente fala “o baixo”, que pegou e não pode ir em alguns dias, problema de saúde e tal, teve que correr atrás, aí rodou, rodou – “mas quem que eu vou chamar?, quem que eu vou chamar?” Porque baixo de folia, você tem que entender o que você cantou. Se você vai fazer uma adoração, se é treze versos você tem que fazer os treze versos, e esse irmão meu graças à Deus aprendeu, e tá repassando pra nós, entendeu? Então às vezes, igual ele fala comigo – “vamos mais, vamos mais”. Às vezes eu falo: “não tenho tempo, eu sou líder comunitário, tou aí, articulando as coisas dentro da comunidade pra vê se acontece alguma coisa”. Ele fala: “então eu vou”. E ele tem a facilidade, ele tem o dom de Deus de pegar com esses mais velhos, os mestres mais velhos, pra poder tá, preservando aí...

- Tá, mas aí você deu exemplos, né? Em alguns grupos os anciãos, né, os detentores do conhecimento morrem e o grupo se dissipa, muitas das vezes acabam

- Acaba.

- *Por quê?*

- Uai, quem que tá ali pra substituir? Num tem.

- *Você fala em questão de repassar? Não tem quem repassa o conhecimento.*

- É, num tem, nem passa, entendeu? Ou então não há interesse, entendeu, de falar, de preservar aquilo, entendeu? Aí não tira tempo pra poder tá ouvindo o que o mestre tá falando pra poder tá colocando em prática, entendeu, então tá acontecendo, tá acabando...

- *E agora vocês aqui no Mato do Tição, com essa consciência, tão priorizando essa questão de repassar...*

- De repassar, entendeu, e falar com os meninos, jovens: “ó, tem tal dia, isso assim, nós vão reunir, bater um papo, nem que seja num buteco. Já que quer ficar num buteco, vamos reunir, mas vamos fazer o quê? vão falar de Folia, é Folia. Vão falar de Candombe, é de Candombe...”. E a gente reúne em qualquer lugar, tamo falando sempre com os meninos, e quando a gente vai os meninos também tão indo, deixam eles tocar se tiver vontade também. Porque...eu me preocupo muito, porque eu vivenciei aqui tios, com 89, 90 anos, que saiam com a folia, e hoje, por exemplo igual eu mesmo mais o meu irmão, às vezes a gente tem dificuldade, porque uma das questões que dificulta também, é esse lado assim, como dizer, esse lado da situação financeira, a pessoa às vezes fala assim: “a minha qualidade de vida, porque eu quer ter uma qualidade de vida que não é a qualidade de vida de homem da roça; se eu sou da roça, minha qualidade de vida é essa e pronto”.

- Mas aí com essas dificuldades de emprego na cidade, aí o pessoal partiu pra outra cidade, aí o que que acontece? Fica eu, meu irmão, mais alguns, no dia que dá pra ir uns gato pingado, aí um fica chamando: “ei fulano, me ajuda aí, que a bandeira não pode parar”...Entendeu? Então a gente tá enfrentando dificuldade, na hora da Folia tão enfrentando, agora no Candombe não, porque nós num tem esse problema. No Candombe, só vai em festa se é sexta-feira, de sexta até domingo... Porque dá pra juntar todo mundo, e a gente ir pra fazer.

- *Além de se manter repassando esses conhecimentos para gerações novas, quais os outros meios que vocês usam pra manter essas manifestações? Por exemplo, uma festa, né, além de se contar com a ajuda, tem também a questão financeira?*

- Isso.

- *Como é que vocês se mantêm, nesse sentido, no aspecto financeiro?É, porque tem a questão do capital humano, mas e o dinheiro?*

- Uai, o dinheiro, é como se diz, é tirado daquilo que deu; vamos fazer, é preciso fazer roupa, é preciso fazer isso pro grupo tal e tal, é do que deu ali, da esmola, o dinheiro que rolou ali.

- *E essas esmolas geralmente, como que ela é pedida?*

- Nós leilão, junto do dia do juizado que veio. A gente organiza barraquinha, faz festa, tá sempre fazendo festa. Igual a Festa de Nossa Senhora de Santana, a gente faz festa pra arrecadar dinheiro...Pra manter, pra manter em outros grupos, porque a maior festa que nós temo é a Festa de São João. Mas é uma festa que...até então quem fazia era minha tia Divina que fazia essa festa, e o seu Joãozinho...João Batista Pinto, ele que fazia essa festa.

- *Marido dela?*

- O marido dela. E ele já, há muitos anos, desde que eu me entendo por gente, que ele faz essa festa. Então era servido, era um bolo de fubá, um café no bule, entendeu, era biscoito polvilho, era o quê aqui tinha para oferecer, era isso que tinha. Mas,, com ela se expandiu demais da conta, aí o quê ele teve que fazer? “Aí vamos ter que mudar até o cardápio”. Aí mudou. Saiu do que era o nosso dentro da festa. Que era...isso aí, servindo outro tipo de comida, na festa. Então, pra isso, pra poder, por exemplo, a Associação, pra poder se manter, a gente explora, por exemplo, quem tá vindo, a gente põe a barraquinha pra poder vender alguma coisa, pra manter a Associação.

- *Ah então, essas festas que vocês conseguem angariar dinheiro, ele é investido...*

- Na própria comunidade. O dinheiro que entra, por exemplo, a igreja tem uma porcentagem que eles têm que levar, né? O padre tinha, antigamente tinha um padre que falou que a igreja tinha que pegar um tanto. Aí nós fomos conhecendo um pouco mais, eu falei “não, senhor vigário, o senhor tá errado. Se nós tem capela, nós tem que arrumar dinheiro pra ficar lá dentro da nossa comunidade...” Então, eu acho que na hora que entra esse lado, partindo já pra quanto...religião em si mesmo, o catolicismo ou qualquer uma que seja, a partir do momento que você pega aquele dinheiro, você tem que reverter é pro povo que tá ali em torno docê, entendeu?

- Porque projeto social de igreja, muitos poucos que eu vejo funciona.

- Muitos poco.

- *Desses bens, né, no caso específico dessas manifestações culturais, aqui em Mato do Tição corre o risco de algum deixar de existir por agora, ou não...?*

- Sim! Sim! Até o Folia de Reis é uma da que nós tão correndo grande risco.

- *Tem como você explicar porquê?*

- Uai, por falta de quê, dos meninos que é da comunidade, povo da comunidade, ficar aqui dentro na comunidade.

- *Ah, tá.*

- Entendeu? Eles têm que sair, pra fora, pra trabalhar. Então aí não vem, por exemplo,... Eu mesmo, eu perdi meu emprego, porque eu morei...esses anos em que eu morei em Belo

Horizonte, perdi meu emprego por causa da Festa de Santa Cruz. Patrão,... chegou no dia 02 de maio, caiu na quarta-feira, eu fui e juntei meus trens vim embora. Peguei um ônibus que tinha 5 horas, e meu horário de largar serviço era às 6. Aí eu larguei serviço mais cedo, falei “ó, tou com uns problemas pra resolver”, fui embora praqui, pra depois virar à noite e no dia 3 aqui, é feriado no dia 3, por nossa conta.

- Quando eu voltei pro trabalho, ele foi e me despejou, e eu falei “beleza”. Eu prefiro ficar, juntei meus trens de Belo Horizonte, vim praqui, aí construí minha família aqui, tou tentando viver aqui. Mas já passando isso, falando pro jonves de hoje: gente não vai não que é ilusão. Porque patrão hoje não libera, entendeu, não adianta, você pode falar: “fulano de tal tem essa festa aqui que meu povo precisa”. Não, então não liberam e tal, aí fica, então fica dificultando pra nós.

- *E além da Folia de Reis, há alguma outra?*

- Ó! A Festa da Enxada. Do João do Mato. Se acabou, porque num tem terra pra nós sobreviver, pra plantar, nós num temo. Então, é por isso que acabou a Festa de João do Mato. Mas de vez em quando ainda a gente faz uma rodinha ainda, sabe, pra relembrar, sabe, pra não parar. Porque se algum dia a gente tiver uma posse de terra, a gente vai trabalhar nela o que a gente tem vontade. Aí se de vez em quando tem uma festa que eu faço aqui na Semana da Consciência Negra, aí eu ponho eles: “vamos fazer uma roda de enxada aqui”. A gente sai mesmo pra capinando beira de estrada, só mesmo para fazer um comemorativo na data, entendeu?

- *Todo ano vocês fazem?*

- Todo ano, a gente reúne, no dia, na Semana da Consciência Negra, aí dia 20 [novembro] eu faço o fechamento.

- *E qual é o ritual? O que vocês fazem?*

- Ah, aí nós vão pra casa da tia Divina. Na sexta-feira ela benze todo mundo, corre a benzeção em nós tudo. Nós vai pro buteco, ferve na cantoria, faz uma roda de bate-papo com todo mundo...ali serve um caldo, sai uma comida típica daqui, e pronto, fica bacana.

- *Sempre no dia 20?*

- Sempre no dia 20.

- No dia 20 que eu te falei, sempre faz isso. E, tirando disso também, sempre no dia 13 de maio também é um dia que a gente tira por conta, pra comunidade também, tá levando todo mundo lá pra casa da tia Divina, pro terreiro. Porque é o dia de tomar passe e na Sexta-Feira da Paixão, que ela gosta de dar os passes.

- *É?*

- Que é...purificação. Então a gente sempre vai nessas datas. Igual esse ano mesmo tinha muita gente...

- *Na Sexta-Feira da Paixão?*

- Na Sexta-Feira da Paixão, esse ano passado. Tinha muita gente, ela teve que vir praqui, pra atender, porque a casa dela tava muito cheia, num tava cabendo todo mundo, aí ela veio praqui, pra benzer aqui. Aí...onde benzeu todo mundo, porque todo mundo vem pra tomar passe com ela.

- *Aí você falou da Folia, da...da Dança da Capina?*

- Dança da Capina do Candombe...

- *Tá, mas eu estou falando em questão assim de... deixar de existir.*

- É, na verdade...

- *Foram mais esses dois ou...*

- Na verdade eu acho que tudo em si, acho que tudo englobado nisso, porque nós tão tendo dificuldade, nós tão tendo...

- *E a minha próxima pergunta, é isso, quais as dificuldades enfrentadas? Você mencionou o mundo do trabalho?*

- É isso.

- *Ou seja, o horário para sair, os dias da semana, os dias úteis. Muita das vezes tem trabalhador que só tem folga no domingo, às vezes nem no sábado tem. Então você aponta o mundo do trabalho e qual o outro aspecto que dificulta a manutenção desses rituais?*

- Outro...deixa eu ver...

- *O que mais pesa é esse...*

- É, o que mais pesa é esse mesmo: o trabalho. A gente tem que sair, pra ir embora pra outra cidade, entendeu? E outra, não, tem um aspecto muito...a vivência que não é do cotidiano rural. Isso aí é uma das coisas que mais atrapalha a gente, porque o cara vai pra cidade grande, ele perdeu seu costume, ele volta com outro costume. Aí vem com a bebida, vem com a droga, trazendo isso...aí vem trazendo, por exemplo, pra dentro da comunidade, se era Candombe, vem pra festa que é do Candombe já chegando com o carro de som, é o **funk**, que é coisa urbana, então eu acho que, é um dos fatores também mais agrava também.

- *Aí você falou do mundo do trabalho, da questão do estilo de vida, né?Do mundo... do homem rural e do homem urbano...*

- Isso...

- *Você também falou, apontou a própria questão da...da falta de espaço pra plantar...*

- Pra plantar...

- *Que contribuiu para acabar com a Dança da Capina. Além disso, você aponta mais outros?*

- Aponto, por exemplo...a dificuldade que nós enfrentamos aqui, é justamente pra associação se manter. Nós...nossa associação se mantém, dentro de um bar. Isso não é lugar de se manter uma associação, entendeu? Eu acho que tinha que ter um espaço adequado pras atividades...nós não temos um espaço físico adequado. Porque, aqui na capela, você tá vendo aqui, dá quarenta e cinco metros quadrados que dá isso aqui. Isso aqui funciona; esse mini telecentro que tá ali, isso funciona, posto de saúde, igreja, funciona...pra salão de atividades de eventos da associação. Tudo aqui dentro. Como que vai caber o povo? Entendeu? Então isso também é uma das partes que dificulta mais ainda, entendeu?

- *Eu vou seguir a pergunta, mas eu vou fazer uma, uma ressalva. Porque aí vem, soluções encontradas. Os problemas que você colocou são problemas estruturais que estão além do alcance mesmo seu de ser mudado.*

- Hamham, hamham.

- *Mas você vê alguma solução pra esses problemas? A questão do mundo do trabalho, a questão dos horários, os dias das festas, às vezes coincide com os dias em que você tem que estar lá, trabalhando...a questão da própria falta de lugar pra poder plantar, que ainda é uma questão que tá além do estrutural...a questão do estilo de vida, eles saem daqui do mundo, rural, vai pra cidade, por questão de sobrevivência também...muitas vezes volta, porque às vezes não tem sucesso lá, não consegue, retorna e traz esse estilo de vida pra cá...Cê, tem assim, você vislumbra uma solução pra esses problemas tão grandes, ou você...*

- Ah, o jeito de eu pensar aqui, eu, eu sou meio, sou maluco, às vezes os meninos fala comigo que sou maluco.

- Mas eu acho que, tem sim.

- *Tem como?*

- Basta o poder público trabalhar muito em cima disso. Se é de direito, por exemplo..., por exemplo, comunidades tradicionais. Se é do meu direito eu ter a minha sobrevivência, aqui, me dá sustentabilidade aqui. Pra que eu viva aqui, e não precise de sair daqui pra ir pra fora. Então, aí eles dificultam tudo, que quando se trata de paus “tam tam tam”: “ah não, isso aí não tem”, ou às vezes fala na legislação, muitas vezes não cumpre,entendeu? Então, se desse sustentabilidade pra cada um no seu espaço, cabou, consegue todo mundo se viver, bem, maravilhosamente, saudável, com saúde e ó, **mil**, entendeu? Sem precisar de ir na farmácia falar com o farmacêutico – “dá um comprimido aí” – sabendo que eu tenho um chá do mato que vai me curar. Viver meu costume, eu tenho meu povo, vamos viver aqui. A palavra-chave

pra mim é isso, basta é isso, dar sustentabilidade aonde que as pessoas tão, entendeu? Aonde que eles estão.

- *Seja no mundo urbano, rural...*

- Qualquer um que seja. Cuidar de um todo. Tem que dar sustentabilidade...cabô. Cê acha que eu não gostaria de tá, por exemplo, hoje, deitado numa hora dessa, tá ali ó, no engenho moendo, e ajudando a fazer uma rapadura..., sabendo que a rapadura, eu vou trazer ela pra dentro de casa ela vai servir no café da manhã. O melado vai ficar lá e eu vou gostar de fazer um café da manhã com ele, e na volta do dia eu fazer um “quebra-torto”, pra mim poder comer.

- *Quebra...?*

- Quebra-torto.

- *Quê que é?*

- Quebra-torto. O povo come pão, nós come bolo de fubá e toma melado.

- *Ah, entendi.*

- Quebra-torto, um reforço pro estômago. Então, se a terra tá ali e ali tiramos espiga de milho, arroz...Meu pai mesmo, foi um dos grandes produtores de arroz daqui, feijão; de grãos aqui o meu pai foi um dos maiores. Hoje, coitado...vive de terra dos outros, assim mesmo trabalhando, dia aqui, dia acolá, hoje toma conta de terra dos outros, e não produz nada pra ele.

- *Tá. Vocês produziavam alimentos aqui? E porque não produzem mais? Quê que aconteceu?*

- As terras foram tomadas né?

- *Por quem?*

- Fazendeiro, né?

- *Fazendeiro...?*

- É. Aí as terras foram tomadas. Aí reprimiu deixou nós aqui, e a gente mora aqui ainda, porque foi uma demanda que, foi demais da conta, graças à Deus! O bendito lá, no dia lá, ganhou na primeira instância, na segunda...que ia acontecer, ele faleceu, então aí e pronto, o título saiu pra nós aí. Deu pra nós, pelo menos, um documento senão nem aqui a gente tava.

- E meus tios, a minha Constância, a minha tataravó morava do lado de cima, na fazenda lá em cima, que era o espaço que ela tinha ganhando. Isso aí, que, todo, tem até os alicerces da casa lá, tem lá as lajes da casa onde morava...as parede tudo. Então...

- *Então aqui vocês estão em volta de fazendeiros?*

- Em volta de fazendeiros.

- Aí eles pegaram a terra, nós paramos de plantar, não deu mais jeito de plantar...

- E ficaram com espaço reduzido?

- É, e aí ficamos com o espaço reduzido. Aí não temos saneamento básico, não temos infraestrutura nenhuma, pra falar a verdade. Porque agora o que nós tamo com muita luta, briga, nos temos que **brigar**, pra gente conseguir uma água tratada pra nós aqui.

- E aí tá começando a obra ainda. Nem se quer foi começada. E isso aí eu não vejo só aqui não, vejo no município o todo. O próprio município meu mesmo, os povos que ainda mantêm essa cultura no município, têm essas mesmas dificuldades que eu tenho aqui, muitos têm. Às vezes chegam perto de mim – “ah não, mas eu faço isso pra ali, faço isso praqui” – mas faz pra poder, só se mostrar, mas pra na realidade mesmo, a prática...A não ser quando é de interesse deles, eu falo mesmo, bato de frente com o poder público municipal aqui, eu bato de frente, porque se não é de interesse deles, não adianta. Não adianta ir lá, reivindicando... Então foi aonde que, eu às vezes, às vezes chego até chorar muito, né? Porque eu falo que antes nós tivesse ficado todo mundo morto, naquela época, porque aí não tinha esse sofrimento nosso, que a gente tá passando.

Eu, pra mim foi difícil, eu ainda consegui estudar um pouquinho. E esses outros que, igual ontem, esses dias que tá acontecendo essa alfabetização aqui pra jovens e adulto. Aí eu tou falando aqui, meu pai tá com 70 anos, nunca freqüentou uma escola, e agora que começou, minha esposa voluntária aqui, eu consegui e falei: dá uma aulinha pro pessoal lá no curso, que a gente vai, é difícil ensinar pra eles? é difícil , aí começamos. Hoje o homem, dentro de seis meses, aprendeu a ler, entendeu, pelo menos sair, saber que ali tá escrito - “não ponha a mão que você vai morrer” - já sabe resolver seus problemas. Acho que basta você querer ajudar mesmo, empenhar, fazer uma política severa mesmo, bem certa né? Acho que consegue solução pra isso tudo.

- *Aí, Lindomar, se quiser falar algum comentário geral...uma coisa que eu não perguntei, que você fale “não perguntou isso, queria falar isso”, ou algo, um comentário geral, ou...um fechamento...*

- Eu acho que...já fiz o geral, já falei de todo o município porque eu sou assim, eu ando no município de canto a canto pra saber os problemas que tão acontecendo.

- Isso aí eu acho que é assim, Deus me deu esse dom, igual eles falam comigo – “ô cara, você tá ficando doido, vai lá, cê nem sabe o que tá acontecendo” – por isso mesmo que eu estou indo lá pra ver o que tá acontecendo. Então, foi numa época que o governo federal também lançou o projeto “Mestre de Saber”, “Mestre do Saber: tradição oral”, foi onde que eu fui catalogar no município, mas como que tinha algumas entidades que não tinham, coitadas, associação, não pude, cadastrar eles, entendeu, Então isso eu acho que isso foi um descaso

total, porque só de saber que é mestre, não precisava de ter ó, um, uma associação organizada não. Ele é mestre, ele é consagrado como mestre. Porque se eles têm, por exemplo, um apoio e sendo reconhecido, acho que eles repassam mais fácil pra gente, porque os mais velho aqui também... aconteceu isso aqui, os mais velho aqui, muita eles não passavam. Entendeu? Muitas coisas eles não passavam pra gente.

- *Muitas coisas se perderam, você falou.*

- É..., se perderam porque eles não passavam. Eles ficavam com medo de falar sim – “aah...” – Igual eu já ouvi um tio meu, que é fabricante de rabeca e viola, chamava Euclides Machado Moreira, morava aqui embaixo aqui, nunca ensinou ninguém a fazer uma rabeca e uma viola. Morreu e levou tudo com ele. Entendeu? Hoje a gente precisa e tem que ir longe para ver se acha uma viola, uma rabeca. Hoje você acha uma viola, do jeito que ele fazia, uma viola-batuqueira, igual um senhor que eu fui visitar pouco tempo, ele falou comigo: “- meu filho, eu tô doido, atrás duma viola-batuqueira, que a única que eu consigo tocar, a minha o caruncho comeu ela”. Falei: “- ah, então vai ser difícil, porque aqui não tem não, aqui na região não tem não”. Aí falou: “ah, cadê Euclides?”, “- Euclides sumiu, foi embora, levou tudo com ele”. Aí até porquê...dizem, eles falavam que antigamente falavam – “ah, não vou ensinar não porque, eles vão tomar meu ofício”. Hoje eu trabalho na minha área de construção civil...

- E eu já ouvi...de boca do meu irmão, meu pai que trabalhou com o Senhor Marcelino Ribeiro também, que era primo da Silvinha Siqueira, que era primo daqui no Mato do Tição, foi o primeiro oficial, negro, que teve aqui no município, diz que era um senhor, um cara respeitado pelos fazendeiro, que sabia fazer mesmo. Aí falou assim, que não ia passar pros outros não ia acabar com o ofício dele... Hoje eu vejo no mercado, eu ponho o menino hoje pra trabalhar comigo, eu falo – “ó, você tem que aprender isso aqui, porque se amanhã eu for, ocê tem que, conseguir”, entendeu? Aí, então, eu acho que é ignorância deles, dos antigos, de se pensar desta forma, entendeu? É, eu acho que é, porque não pensava na evolução.

- *Mais algum comentário em relação a específicas manifestações...?*

- Não, eu acho que tá tranquilo, não tá? Ou você quer saber mais o quê que é.

- *Não, eu acho que tá bom.*

- Então, eu também.

- Fechou.

- (Risos), então beleza.

- *Tá bom?*

- Tranquilo.